

Congregação Cristã no Brasil e mídia: uma denominação na contramão das Igrejas pentecostais.

Christian Congregation in Brazil and the media: a denomination against the Pentecostal churches.

André Luiz de Castro Mariano¹

RESUMO

A maioria das Igrejas pentecostais brasileiras vem ao longo dos anos, não só utilizando e se promovendo através de mecanismos midiáticos, mas também desenvolvendo seus próprios instrumentos e métodos. Exemplos como a Igreja Universal do Reino de Deus e as Assembleias de Deus reforçam essa tendência. O objetivo desta comunicação é apresentar um caso distinto destes, como o da Congregação Cristã no Brasil, que vem rejeitando ao longo de sua existência quaisquer formas de mídias televisivas e de redes sociais eletrônicas, vistas por seus adeptos ora como mundano, ora como demoníaco, e, às vezes, oriundas de ambos. Neste caso, falar de movimentos religiosos que se beneficiam da mídia é tão relevante quanto falar de movimentos que a rejeita taxativamente e tão relevante quanto falar de movimentos que os rejeitam taxativamente. É nesta linha de reflexão que se desenvolve este trabalho.

Palavras Chave: Pentecostalismo clássico; Congregação Cristã no Brasil; Mídias.

ABSTRACT

Most of the Brazilian Pentecostal Churches have been over the years, not only using and promoting themselves through media mechanisms, but also developing their own instruments and methods. Examples such as the Universal Church of the Kingdom of God and the Assemblies of God reinforce this trend. The purpose of this communication is to present a case different from these, such as that of the Christian Congregation in Brazil, which throughout its

¹ Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Marília), Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Bacharel em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) – Email: castromariano@bol.com.br.



existence has rejected any forms of television media and electronic social networks, seen by its adherents at times as mundane, at times as demonic, and sometimes from both. In this case, talking about religious movements that benefit from the media is as relevant as talking about movements that reject it outright and just as relevant as talking about movements that reject it outright. It is in this line of reflection that this work is developed.

Keywords: Classical Pentecostalism; Christian Congregation in Brazil; Media.

INTRODUÇÃO

Não é exagero pontuar o fenômeno religioso brasileiro como um processo complexo e de constantes modificações. Muitas dessas mudanças são planejadas, enquanto outras são sistematicamente impedidas de serem empreendidas dentro do campo religioso, pelas lideranças religiosas que atuam sobre o grupo. Um exemplo de ambos os casos pode ser analisado através da mídia dentro do pentecostalismo clássico. Enquanto a Assembleia de Deus vem utilizando os meios midiáticos, sobretudo, nos últimos anos, aplicando e divulgando seu capital religioso, através da promoção e venda de seu capital religioso, por meio de sua imagem como Igreja, a de seus pastores como figuras ligadas ao Sagrado e usadas por Ele, e por que não dizer, praticando proselitismo pelas mídias no sentido de aumentar o número de adeptos, a Congregação Cristã no Brasil vem se mantendo dentro de uma postura completamente avessa a essa. Isto só é possível porque esta última conseguiu produzir uma estrutura blindada, que não lhe obriga a se enquadrar nas mudanças que vêm acontecendo no meio pentecostal, ou seja, ela possui especificidades que a distinguem das demais.

Como grupo sociorreligioso, eles se autoafirmam como uma “irmandade” e um “povo escolhido”; não utilizam os métodos convencionais para fins proselitistas ou promoção religiosa; repudiam a política Institucionalizada, declarando-se “apolíticos” e mantendo uma relação mínima com o Estado; não



se envolvem com nenhum outro grupo, seja ele religioso ou não; desconsideram os chamados dízimos como fonte de arrecadação de capital e não remuneram as pessoas que trabalham em suas Igrejas, nem mesmo seus líderes religiosos. Dessa forma, conseguem manter seu grupo distante de outros grupos sociais ou religiosos, bem como uma estrutura interna coesa e em certa medida autossuficiente. Portanto, estes são alguns exemplos que comprovam que essa denominação consegue, em sua essência, eliminar tensões que poderiam forçá-los a algum tipo de mudança ou de relações mais estreitas com terceiros ou, ainda, a recorrerem a ferramentas como as mídias, que é o nosso interesse maior nesta comunicação.

O objetivo deste trabalho é mostrar que este segmento religioso vem adotando uma postura não convencional se comparado a quaisquer outros grupos, sejam eles religiosos ou oriundos das esferas comuns. Jamais houve uma imersão em processos de propagação de imagens, de especialização dos mecanismos, seja de pessoas físicas ou jurídicas, de procura de novos clientes, de superação das concorrências – seguindo sempre neste sentido –, e a mídia é fundamental para o conjunto da obra. Portanto, se “a propaganda é a alma do negócio”, a Congregação Cristã no Brasil não está nem um pouco preocupada com o fato. Mas, por que esta pressão do mundo moderno não consegue impelir este grupo a uma mudança significativa?

Para fundamentar este trabalho, além de referenciais teóricos, alguns apontamentos de sujeitos de pesquisa e percepções de campo são necessários para a construção de uma reflexão sobre o assunto. Embora esta postura de afastamento dos meios midiáticos seja uma adoção do grupo em âmbito nacional (como uma “doutrina”), as abordagens se deram a partir de sujeitos de pesquisa que moram nas cidades paranaenses de Araucária, Fazenda Rio Grande, situadas na região metropolitana de Curitiba, e Porecatu, situada na divisa com São Paulo. Sendo assim, a proposta de concentração sobre esta denominação pretende mostrar que dentro do universo pentecostal, a



Congregação Cristã no Brasil possui especificidades relevantes que podem e devem ser sinalizadas, mas sem abrir mão da proposta principal, que é a sua determinação em não aderir aos mecanismos midiáticos para se fazer conhecida. (SUGESTÃO).

Algumas referências da Congregação Cristã como uma Igreja pentecostal

Uma maneira mais apropriada e oportuna para iniciar essa exposição é dar destaque à visão principal do pentecostalismo, ou seja, o Pentecostes, termo que remete ao Espírito Santo. Segundo Rolim (1987), para a Congregação Cristã no Brasil, o Espírito Santo é, por excelência, o único e verdadeiro Mestre, enquanto a Bíblia é o referencial teórico a ser compreendido para o exercício das ações cotidianas. Portanto, “a Congregação é a única Igreja pentecostal que não ensina aos adeptos como ler a Bíblia. Professor só mesmo o Espírito Santo. Cada um vá ler a Bíblia num canto sossegado, a escutar atento a inspiração divina.” (ROLIM, 1987, p. 33). Emile Leonard (1953), um dos pioneiros na pesquisa sobre a Congregação Cristã, já havia sinalizado anteriormente a crença no Espírito Santo como legítimo professor, enquanto toda ação humana envolvendo conhecimento era desqualificada.

Conforme Nelson (1984), a referida denominação recusa a existência de hierarquia, embora exista uma estrutura eclesiástica que tem o ancião como ponto mais alto, seguido dos cooperadores e diáconos. Não há centralização de poder, nem salários para qualquer pessoa; aqueles que fazem parte do corpo de trabalhadores, como as zeladoras e os que cuidam da manutenção, não são registrados formalmente, exercendo trabalhos voluntários. Por isto, não se adota o dízimo ou pedido de coleta de recursos de forma continuada como regra. Não se valem de métodos convencionais de crescimento quantitativo, por esta razão não se necessita de investimentos monetários relevantes. Para esse autor, as razões acima pontuadas estão relacionadas ao



tipo de governo, gerenciado a baixos custos, seja na construção ou na manutenção. Os templos estão localizados geralmente em áreas de periferia, isto minimiza os custos em relação à aquisição de terrenos. Os materiais são, em grande parte, doações dos membros de várias localidades, a mão-de-obra é, em sua maioria, voluntária. Os prosélitos são oriundos de redes sociais pessoais, ou seja, familiares, amigos íntimos, amigos de trabalho, vizinhos, cujas relações são estreita, etc., o que não gera custos e ao mesmo tempo, fornece unidade coletiva. As tensões são pequenas, por se tratar de parentes e amigos. Este modelo facilita não só para a construção e/ou manutenção de templos, mas para unidade interna do grupo.

Quanto aos processos midiáticos, na contramão de sua contemporânea no “pentecostalismo clássico”, a Assembleia de Deus, ou da “deuteropentecostal” Igreja do Evangelho Quadrangular, ou ainda da “neopentecostal” Igreja Universal do Reino de Deus, a Congregação Cristã jamais exerce o proselitismo público ou se utiliza dos meios midiáticos de comunicação para tal. O proselitismo vigente nela sempre foi o privado, seja no interior de suas casas, de seus templos ou de seus locais de trabalho. Segundo Freston (1996), uma das razões fundamentais para interpretação deste contexto é a doutrina da “predestinação” muito difundida no calvinismo presente na Congregação Cristã no Brasil. Graças a essa concepção, os membros não se sentem pressionados a buscarem novos adeptos, pois Deus é quem se encarrega de escolher e enviar os candidatos à salvação. Portanto,

...a doutrina da C[ongregação] C[ristã] age como um amortecedor, permitindo que ela se contente com os velhos métodos. Isso dá à igreja uma estabilidade em muitas áreas. Não existe a tentação de experimentar com novos tipos de culto em nome da atratividade. A predestinação responde por todos os sucessos e fracassos da igreja (FRESTON, 1996, p. 104).



Nesta cosmovisão, o homem aparece como isento de quaisquer responsabilidades, passivo incondicionalmente e supostamente condicionado às vontades do sagrado, ou seja, sem liberdade de escolha, mas ao mesmo tempo usados por Deus. É Ele quem sabe de antemão quem são os escolhidos para salvação, bem como para condenação, e por isto, não é preciso se preocupar em alcançar novos adeptos de forma estratégica. Eles virão naturalmente, não obstante suas próprias vontades.

Ricardo Mariano (2008), também sinalizou que a Congregação Cristã no Brasil não se sujeita às pressões em busca de crescimento, investindo em metodologias de marketing. Seus “líderes preferem se manter fiéis a princípios bíblicos e a tradições que norteiam sua missão” (MARIANO, 2008, p. 75).

Embora exista um alinhamento da Congregação Cristã com a maioria das denominações pentecostais no que se refere à interpretação das últimas palavras de Jesus na Terra: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15), como um mandamento proselitista, a forma adotada pelo grupo trata de um mundo restrito a eles, ou seja, um mundo interno e seletivo a ser alcançado – parentes e amigos próximos. Outras denominações consideram esta espécie de mundo, mas elas agregam a este um mundo externo, muitas vezes se relacionando com desconhecidos nas ruas, que precisam supostamente de evangelização pessoal ou através de uma gama cada vez maior de meios impessoais como as mídias televisivas, mídias radiodifusoras, mídias escritas, mídias de redes sociais eletrônicas, etc. Portanto, a CCB não se sente imbuída a sair de sua área de atuação ou utilizar quaisquer meios midiáticos, com destaque para a televisão, afinal, “ela é o ‘olho do dragão’ que tem o objetivo de destruir as famílias”².

² Frase muito comum entre os evangélicos mais ortodoxos



Reflexão a partir de interlocuções com a pedagoga Maria Pressuto, membro da Congregação Cristã no Brasil em Porecatu-Paraná

Em uma interlocução com Maria Pressuto, 48 anos, casada, dois filhos, membro da Congregação Cristã no Brasil desde seu nascimento, foi possível reforçar a ideia de Congregação Cristã X mídia, porém com acréscimo de vários elementos para reflexão. Foi possível perceber que a CCB vem abolindo não só a mídia mais comum oriunda das programações de televisão, muito utilizada pelas grandes denominações pentecostais como um instrumento de divulgação de seus mecanismos, mas todos os meios possíveis, inclusive aqueles que estão disponíveis em alguns sites. De acordo com Maria Pressuto, “todas as vezes que se vê sites da CCB, imagens dentro de templos são posicionamentos individuais e sem a permissão da Congregação”. Se algum ancião ou liderança religiosa responsável pela Igreja ficar sabendo que alguém fez alguma filmagem e postou, ele pode responder por isto: “Já aconteceu com meu esposo [que é responsável por várias igrejas na região de Porecatu e Florestópolis] situações em que ele ficou sabendo que uma pessoa postou, e ele pedir para tirar...”. Portanto, o fato de estar disponibilizados sites ou páginas na internet fazendo menção à CCB, não significa uma forma de propagação de serviços oferecidos.

Outro ponto de reflexão a respeito da mídia a partir da interlocutora, deixa claro que a Igreja, materializada no culto, é o único lugar por excelência em que Deus pode falar. Uma mensagem assistida através de um aparelho de televisão não possui legitimidade ou os elementos necessários ou a atmosfera para uma ação divina:

Outra questão que aprendi desde muito pequena sobre a mídia é assim: quando você vai a Igreja, você vai especificamente para Deus falar com você. Fora de lá, mesmo que você escute a mesma palavra não vai ser a mesma coisa. Você vai estar



em outro contexto, em outro lugar. Então a questão da fundamentação daquele momento ali, já não é a mesma. Eu, particularmente penso que não precisa da mídia, porque não busco propagar a Igreja, e sim a doutrina, o Caminho (Maria Pressuto, CCB de Porecatu. Data da entrevista: 03/04/2017).

Nesta forma de ver a ação Suprema sobre a pessoa ou o grupo, a Igreja aparece como um lugar por excelência da ação divina, se comunicando aos seus, em tempo real e em contextos específicos. Uma mensagem televisionada, mesmo que seja relevante, ela esvazia a ligação entre o homem e o Sagrado, ao mesmo tempo em que é desnecessária, pois a Igreja não precisa ser propagada àqueles que estão fora, mas a doutrina sim, porque é direcionada especificamente ao grupo de fieis.

Existem momentos em que se necessita potencializar um questionamento e referenciais podem ser uma ferramenta para tal. Uma das interlocuções com Joel, que é membro da CCB na cidade de Fazenda Rio Grande, foi um ponto de partida para uma pergunta mais objetiva. Segundo ele, entre as razões que fundamentava a não adoção de aparelhos de televisão em sua casa, era porque ele estaria ensinando seu filho a se prostituir, a adulterar, sobretudo, através das novelas. A resposta de Maria Pressuto ajuda a compreender que o posicionamento vai além das regiões geográficas e das relações pessoais, ou seja, são praticadas entres os membros da denominação, independente de espaço ou do conhecimento entre pessoas do mesmo grupo:

A respeito da televisão, nós não temos. Temos dois filhos. Eu nunca tive televisão em casa. Meu esposo nasceu em uma família em que a mãe é da Congregação, o Pai não segue nenhuma religião, então ele sempre teve televisão em casa. Quando nós casamos, nunca tivemos, porém uma das coisas que a gente sempre ouvíamos muito quando meus filhos eram pequenos (eu tenho um que tem 27 anos e o



outro tem 24): “Ah, eles vão se prejudicar e tal”. Nós nunca tivemos televisão, mas eles sempre tiveram acesso a boa literatura, tanto aquelas que abordam princípios cristãos quanto as literaturas clássicas, isto desde que eles eram pequeninhos. Eles sempre brincaram muitos, nossos domingos não eram somente em casa, sem sair, eles tinham um grupo de amigos grande e por incrível que pareça, cada um era de uma religião, ou seja, não eram da Congregação. Eles são em cinco, são amigos até hoje (Maria Pressuto, CCB de Porecatu. Data da entrevista: 03/04/2017).

Pressuto mostra que determinados valores podem transpor gerações, quando diz que jamais existiram aparelhos em sua casa, e que adotou o mesmo em sua família nuclear, mas mostra que pode haver um redirecionamento específico na eliminação das práticas, não só pelo fato do marido que cresceu com a presença de televisão dentro de casa, também quanto aos filhos que mesmo interagindo com amigos de outros segmentos religiosos – o que não é comum –, não se deixaram influenciar por estes.

Sendo um sujeito de pesquisa e uma interlocutora diferenciada, graças a sua formação intelectual – membro da Congregação Cristã desde sua infância, pedagoga formada e várias especializações em Educação Especial – Maria Pressuto procurou fundamentar as razões de recusa da TV, através da ciência e não da religião:

[Quanto a televisão] eu, particularmente achava que era um mal, mas não um mal necessário, porque tem mal que se torna necessário, e este é um mal que não é. Eu deveria continuar com aquilo que eu aprendi, e o que ocorreu que me fez deixar a questão do achismo: eu não me lembro a data certa, mas creio que foi em 2010, 2011, quando participei de um curso de diversidade de gênero pela Universidade Federal do Paraná com duração de uma semana. Uma das palestras era sobre a televisão e a influência dela na Educação. Então, o pesquisador disse



que a televisão tem três vezes mais capacidade de educar uma criança, através da mídia do que um livro. Então, aí deixa de ser um achismo e passa ser comprovado. Pela doutrina, quando Deus coloca algumas situações como a de se abster do mal, Ele já sabia! Eu creio que o conhecimento científico em vez de me aproximar da mídia, ele terminou me afastando mais (Maria Pressuto, CCB de Porecatu. Data da entrevista: 03/04/2017).

O acréscimo desta interlocução vem por várias vias e, dependendo da ótica, poderão ter importâncias variadas, a saber: ser membro da CCB desde seu nascimento; ser mulher que se posiciona, dentro de um segmento religioso em que os homens são prioridade; possuir uma formação acadêmica diferenciada, mesmo fazendo parte de um universo em que o conhecimento humano é visto como mundano; fazer uma análise a partir de elementos científicos para se posicionar frente a um conceito tipicamente religioso.

Quando questionada sobre o conhecimento acadêmico, cuja perspectiva é que com o aumento do nível de conhecimento se diminui as possibilidades de aceitação de determinados dogmas, justamente pela capacidade de reflexão, Maria Pressuto respondeu que consegue lidar bem com estes referenciais. Para ela,

isto foi sempre muito leve, porque eu sempre penso que eu faço as coisas não porque eu sou da Congregação e sim pelos princípios que aprendi. Eu digo para os meus filhos que independente deles serem ou não da Congregação, tem princípios que são cristãos e você tem que manter e é lógico que tem coisas que fazem parte de um determinado grupo, só que se nós começarmos a refletir e ver aonde isto nos leva e como eu sou da Educação, você começa ver muito este prejuízo: a mídia começa a naturalizar as coisas que não devem ser naturais e talvez isto me ajudou mais a não me aproximar desta mídia tão aberta, vamos pensar assim. Eu preciso dela para estudar, eu preciso dela para viver hoje? Mas eu não preciso abrir ela para um domingo com o Faustão. [...]. Por exemplo: numa novela tem sempre um esperto, um vilão. Quem é esta pessoa? Para



se dar bem na vida tem que ser assim? Ou então, é normal que eu tenha uma casa com os filhos, mas que eu tenha um relacionamento a parte. É natural isto aí? Será que as pessoas são preparadas para isto ou para pegar nas entrelinhas o que tem em um programa? Por que eu tenho que trazer para casa um programa que fala de todas as destruições e mazelas da sociedade? Para isto é só ver: vai lá no Fórum! Pega dados de verdade. Alguém está ganhando muito dinheiro com isto. Para ele quanto mais ele falar, melhor é, mas vai ter um público que assiste a ele? Então eu penso assim: não é só a questão de ligar ou desligar, a questão é saber quais são os programas realmente didáticos. Eu tenho observado que os programas que são didáticos eles passam em horário que não é, não é [não é nobre] Aí você observa que alguns programas como o TV Cultura, Globo Rural. Que horas que passam? Na escola, não existe uma preocupação em orientar os alunos quanto a ser crítico da mídia. Se não tem na Escola e não tem na Igreja, quem vai educar estas crianças? Qualquer mensagem serve e eu não sei até quando (Maria Pressuto, CCB de Porecatu. Data da entrevista: 03/04/2017)!

Ser da Congregação Cristã não é um problema e está em um plano aparentemente secundário, pois os “princípios” recebidos e que prevalecem, são os mesmos repassados para os filhos, entretanto, estes foram construídos nela, dentro de uma família nuclear de adeptos da própria denominação.

Diferente de Joel, o sujeito de pesquisa de referência, que foi objetivo em dizer que as razões que fundamentavam suas escolhas, dentro das diretrizes da própria denominação, sendo estes o de não ensinar ao filho prostituição e adultério, Maria Pressuto fundamenta melhor suas escolhas e chama a atenção não só para o fato de se disseminar um estilo de vida que prevalece: o se dar bem sobre o outro e, quando não, somente no final é que os vilões recebem um tão sonhado “castigo”; mas também o fato de não se ensinar as pessoas a analisarem criticamente o que se



assiste. Talvez o fato de ter uma formação intelectual distinta³ das encontradas nos sujeitos de pesquisa da CCB da Região metropolitana de Curitiba, que em média não ultrapassava o primeiro grau completo, possa ter contribuído para construção de suas próprias reflexões ou sua moral religiosa, sendo a grande responsável, mas jamais podemos desconsiderar a possibilidade proporcionada por um sujeito de pesquisa com características peculiares como as dela.

Uma pequena etnografia para fundamentar nossa reflexão sobre a Congregação Cristã no Brasil

Nestas próximas páginas, narro algumas experiências de campo, pois entendo serem necessárias para transmitir um pouco dos caminhos de uma pesquisa, até nos colocar dentro da casa de Israel, membro da Congregação Cristã. Tentarei descrever o campo de pesquisa nos termos de Gilberto Velho: “quando um antropólogo faz uma etnografia, uma de suas tarefas mais difíceis, como sabemos, ao narrar um evento, é transmitir *o clima, o tom* do que está descrevendo”. (VELHO, 1994, p.13, grifo do autor).

Em maio de 2011, estrategicamente fui admitido na fábrica da Brafer S/A, situada na cidade de Araucária, região metropolitana de Curitiba no Paraná – uma grande empresa com mais de mil funcionários e na época com filiais no Rio de Janeiro

³ Maria Pressuto é pedagoga, com um curso interrompido em ciências sociais na UEL, para se dedicar aos filhos, retomando seus estudos em Pedagogia e se especializando em Educação Especial, Educação Infantil, Neuropedagogia, Psicopedagogia e ainda cursando a Especialização em Psicopedagogia com foco no trabalho das múltiplas inteligências e ainda, uma Pós-graduação em dislexia. Seu marido é Graduado em Processamento de Dados com Especialização em Estratégias Empresarial e Consultoria. Seus dois filhos também vem seguindo trajetórias semelhantes, com o mais velho (27) formado em Direito pela PUC de Maringá e o mais novo (24) concluindo a graduação em Medicina pela UEL.



e Juiz de Fora-MG. No mês seguinte foi admitido o jovem Israel (30), casado há doze anos com Janaina (26), sendo pais do pequeno Ismael (09). O que é mais importante: esta família faz parte da igreja CCB e com eles tive a oportunidade de ter uma das maiores e completas experiências de campo no que se refere ao pentecostalismo clássico a partir da esfera doméstica.

Nosso relacionamento começou meio tumultuado, basicamente pelo fato de estar em constantes conversas com membros da Congregação Cristã à procura de apreender elementos essenciais sobre os frequentadores da CCB. Não foram poucos os confrontos, por parte dele, até encontrar um ponto de equilíbrio em nosso relacionamento. Todo este distanciamento foi perdendo força diante de conversas esporádicas que aconteceram em todas as vezes que tive oportunidade. Então, depois de oito meses fui convidado para participar de um culto especial de “Coleta” em sua “Comum” com sua “Irmandade”. Nosso encontro foi agendado para sábado, dia 03 de março, no início da tarde em Araucária-PR rumo a um vilarejo que fica entre às cidades da Lapa e São Mateus do Sul, aproximadamente 100 Km de nosso ponto de encontro. O evento estava marcado para 19:30h e terminaria em torno de 21:30h. Logo aceitei o convite, mas nos dias em que antecederam o encontro comecei a refletir e entendi que ficaria cansativo retornar mesmo de carro na mesma noite. Então, conversei com Israel e perguntei se seria possível passar a noite lá? Além disto, minha esposa também estava querendo ir (o que é uma verdade). Ele disse que sim.

O dia era sábado, 03 de março de 2012. Encontramo-nos em uma rodovia movimentada em Araucária, região metropolitana de Curitiba às 12:30h no acostamento da estrada em frente ao hipermercado “Condor”. Quando cheguei, parei meu carro atrás do dele, que logo saiu do seu, vindo em direção ao nosso, todo sorridente. Chegou na janela para me cumprimentar e dizer que era para segui-lo, mas que precisaria passar antes em um Posto para abastecer. Rapidamente, apresentei minha esposa a ele. A viagem durou aproximadamente



90 minutos e fora esta parada no Posto teve outra escala no local em que estavam construindo a igreja nova. Quando chegamos, encontramos sete homens trabalhando voluntariamente na construção. Dentre eles, o pai de Israel e o “Cooperador” Jonas, que é o responsável pela igreja. Este último é uma espécie de pastor. Após apresentados aos “irmãos”, era hora de sermos apresentados às irmãs, dentre as quais estava a mãe de Israel. Quanto a minha esposa e a esposa de Israel, quando percebemos já estavam conversando como se fossem velhas amigas.

Dentro da casa, estavam somente mulheres, portanto, as esposas dos que estavam trabalhando. Fomos apresentados, tomamos um pouco de água e seguimos pra casa de Israel. Sua casa ficava próxima à igreja velha, mas em plena atividade. No local foi possível entender porque se fala “os mato”. O sentido é literal e não figurado. Sua casa, a de alguns outros poucos moradores e a própria igreja se perdem em meio à floresta de araucária. Embora tenha luz elétrica nas casas, à noite se não fossem a lua (crescente na época) e as estrelas, não se enxergaria “um palmo na frente do rosto”. Quando chegamos lá era ainda tarde. Ao entrar na casa percebi que a sala tinha proporções maiores que outros cômodos. Nela, dois grandes sofás e alguns bancos de madeira. Não havia estantes ou televisão, isto, não porque estávamos em uma casa no campo, e sim porque eles dizem ser necessário não se “contaminar com coisas mundanas”, cuja televisão aparece em sua força máxima.

Assim que entramos colocamos nossas malas em cima da cama, começamos conversar sobre vários assuntos: trabalho, igreja, família, comportamentos. Saímos para conhecer sua chácara, e ele me mostrou as instalações de sua antiga produção de fumos (segundo ele o comercio tinha fins medicinais). Conversamos aproximadamente duas horas. Era já 17:00h, quando ele me chamou para irmos até a casa de seu pai, que ficava 1km da sua. Ao chegar lá fomos convidados para sentar na varanda. Sua mãe pegou várias cadeiras, iniciando conosco outra série de assuntos. Seu pai estava tomando banho, já se preparando



para o “culto”, mas seu irmão mais velho já estava pronto, dizendo empolgadamente estar indo buscar o dono da venda para ir ao culto naquela noite. Assim que seu pai acabou de se arrumar, uniu-se a nós, alimentando o circuito de diálogos. Mais a frente ele me chamou para conhecer sua casa. Era melhor planejada e espaçosa que a de Israel, com uma cozinha sob medida que havia sido instalada há pouco, mas segundo eles, “precisando de alguns ajustes”. A sala, assim como a de Israel, possuía dimensões bem maiores que os outros cômodos da casa, espaçosa, com vários locais para se sentar e sem aparelho de televisão. Depois deste momento, voltamos para a casa de Israel para tomar banho e nos arrumarmos para o evento. Vesti meu terno e gravata. Minha esposa colocou seu vestido (mesmo que habitualmente ela faça mais uso de calças compridas) e um colar cheio de pontas e cores, mas minutos depois retirou dizendo: “já tem coisas demais” – ela estava se referindo a suas unhas pintadas e batom. Israel também se aprontou com seu terno e gravata, sua esposa com vestido e cabelos presos em forma de “coque”, mas a atenção maior foi para o pequeno Ismael e seus 1,40m. Ele também estava vestido de terno e gravata. Estávamos pronto para irmos ao “culto”.

A igreja não era longe. Formos todos juntos no carro de Israel dois quilômetros em uma estrada de chão no meio da mata. Ao chegarmos lá, ao contrário do que possa expressar o senso comum em relação a uma igreja na mata, a visão era de homens muito bem vestidos com roupas sociais, mulheres em seus vestidos, saindo de carros novos e luxuosos. Havia carros comuns, mais se diluíam frente aos outros. A igreja era de madeira, pintada nas cores cinza e branco (padrão da CCB), bancos de madeira de excelente acabamento, dentro de um templo extremamente limpo e de organização dignos de nota. O contingente era bem maior do que a igreja suportava, basicamente porque neste “culto especial de coleta”, pessoas que originalmente de Curitiba e região estavam lá para “congregar” e levar suas “ofertas voluntárias”. À medida que as pessoas iam chegando, eu era apresentado a elas. Aos líderes da igreja que vieram de Araucária para presidirem



aquele culto especial, meu interlocutor me apresentou a eles como sendo eu pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular. As pessoas começam entrar para o local e eu fui conduzido por Israel para o primeiro banco. Isto já havia acontecido em outras oportunidades em outros campos da CCB, mas foi neste dia em especial que percebi e depois perguntando, tive confirmação de que aquele banco era destinado ao “ministério”⁴. A igreja se encheu. Dentro, duas amplas fileiras de bancos divididos em duas partes por um corredor ao centro. Sentados do lado direito de frente para o “altar” os homens, e do lado esquerdo as mulheres. Na frente a mulher de Israel com um “véu” branco sobre a cabeça, igualmente todas as mulheres. Como já não cabiam mais as pessoas dentro, os mais jovens que não eram músicos – músicos obrigatoriamente precisam ficar dentro da instalação para executarem as melodias – se posicionavam do lado de fora da igreja, porém mantendo o mesmo padrão, direita para homens e esquerda para mulheres.

Considerações Finais

A relação que a Congregação Cristã no Brasil mantém com a mídia permanece fechada, e mesmo os casos de adeptos que abriram seus lares para esta realidade comum aos brasileiros, não têm a aprovação da liderança da denominação, e o fato não se dá abertamente, ou seja, “a doutrina continua dizendo que não pode ter televisão”⁵.

Em 2011, Joel, um interlocutor membro da CCB, já havia assinalado contundentemente que não tinha em sua casa, mas que sabia que algumas pessoas, membros da Igreja já possuíam. Em 2012 em uma pesquisa de campo “nos mato” na casa de Israel, foi possível observar a estrutura das salas preparadas para receberem

⁴ Cúpula de liderança religiosa dentro da Congregação Cristã. Esse local é exclusivamente masculino.

⁵ Os adeptos da CCB reproduzem sempre que possível este ensinamento



grupos de pessoas, mas sem a presença de aparelhos. Em 2015 em uma visita a Maycon, um antigo interlocutor que na época da primeira pesquisa não era membro da Congregação Cristã, porém havia assumido o processo de conversão religiosa, junto com a esposa em 2013, continuava, mesmo após dois anos, mantendo sua televisão na sala. Entretanto, em 2017, com Maria Pressuto, foi possível não só fazer uma ponte entre o Norte do Paraná e o Sul do Estado, no sentido de refletir a partir da concepção de adeptos da denominação em regiões geográficas distintas ou entre passado e presente, mas obter referenciais que mostram que manter uma televisão em casa deixa de ser percebido por alguns como uma heresia. Isto não quer dizer que com o passar do tempo esta realidade vai mudar, assim como aconteceu com a sua contemporânea de fundação, a Assembleia de Deus e nem mesmo que passa a ser lícito. O tabu permanece atual.

Se no passado a Assembleia de Deus comungava dos mesmos valores, hoje, não mais, mesmo não sendo uma Igreja Universal do Reino de Deus com sua Rede Record, mas aos poucos, vem procurando ganhar seu espaço dentro das casas dos brasileiros. A Rede Boas Novas, antiga Rede Brasil Norte – RBN, comprada pela Assembleia de Deus da Região Norte do Brasil, tendo o pastor Samuel Câmara como uma das figuras chave no processo de aquisição, em 1993 – é um exemplo disto. A emissora não tem um alcance expressivo quanto a Record, porém fornece transmissão para todos os Estados brasileiros e ainda pela internet. Estes são valores impensáveis à CCB, mesmo que imbuídos de suposta relevância quanto sua necessidade. Isto só é possível, através de uma construção religiosa em que se estabeleceu, desde sua origem, um abismo radical entre as esferas humana e celestial.

O doutor e Teólogo Key Yuasa, em sua tese de doutorado em teologia pela Universidade de Genebra na Suíça, mostra que a Trindade ocupa o espaço central na visão de mundo da Congregação Cristã. Yuasa (2001), ao fazer uma análise dos materiais escritos pelo fundador da Congregação Cristã no Brasil,



Louis Francescon, permite compreender que tanto para o fundador quanto para seus seguidores, os referenciais de conhecimento humano e aqueles que são atribuídos a Deus são antagônicos, e se forem interligados, abrem margem para uma suposta ação do mal. Portanto, onde a Trindade não governa, é o diabo que se apropria, se materializando em forma humana, com o objetivo de persuadir o “Povo de Deus” ao erro, através do conhecimento humano.

Quanto a esta forma de conhecimento, Maria Pressuto acaba fornecendo um contraponto com esta perspectiva, pois de um lado, se apresenta como membro de berço da CCB que se envereda pela academia, e por outro, é capaz de produzir um discurso fundamentado em uma postura religiosa, a partir de problematizações científicas. Quando ela narra sua trajetória acadêmica percorrida em uma Universidade Estadual conceituada (UEL), com várias especializações voltadas para a Educação Especial, e apresenta um quadro em que a televisão aparece como uma ferramenta altamente potente na promoção de conteúdos, através de imagens visuais, dentro de um curso oferecido por uma Universidade Federal do Paraná, ela não só traz a ciência para legitimar decisões religiosas, mas fundamenta suas próprias convicções.

Embora seja necessário filtrar ideologias religiosas, o fato de saber articular as figuras apresentadas nas novelas dentro de uma concepção em que os vilões se estabelecem, prejudicando pessoas de bem, ao mesmo tempo em que deixa a imagem do mal que predomina a maior parte do tempo e quando punidos, isso ocorre apenas nos últimos episódios, ela chama a atenção para modelos que são propagados pelas Redes de TV, cujos reflexos recaem sobre a sociedade como um todo. Assim, ao mesmo tempo que as informações audiovisuais ajudam na informação, na construção de conhecimento, na eliminação de preconceitos e marginalidades, para ela, acabam também desconstruindo valores e corroendo princípios que contribuem para a formulação de sua pergunta: “onde vamos chegar”?



Com certeza, a precocidade com que adolescentes e jovens vêm iniciando seus namoros e ainda suas relações sexuais, não pode ser atribuída exclusivamente à mídia. A difusão de tais assuntos através dos meios de comunicações ganha os lares brasileiros, encontrando um povo despreparado para fazer – utilizando minha interlocutora – “análises críticas e contundentes do que se assiste”.

Seja como for, mídia e CCB não fazem parte do mesmo universo, ao contrário de outras denominações pentecostais, deuteropentecostais ou neopentecostais. Isto a coloca em um lugar por excelência, diferenciado, justamente por estar na contramão de outras correntes religiosas. Se isto vai durar para sempre, não se pode dizer, porém não se nega a eficiência das ações, não obstante, colocar os insurgentes em uma posição desvalorizada. Ou seja, de desobediência a Deus. Estas regras são definidas e revalidadas por um colegiado de anciões, que se reúnem anualmente para deliberação de suas diretrizes e solução de suas mazelas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÓRREA, Manoel Luiz Gonçalves. **As Vozes Prementes**. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 1989.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org.). **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1994, p. 67-159.

LEONARD, Émile G. **L'Illuminisme dans un Protestantisme de Constitution Récente (Brésil)**. Paris Ed. Press Universitaires de France, 1953.



MARIANO, André. **Pentecostalismo clássico**: pouco pesquisado, pouco conhecido. Curitiba: Ed. Prismas, 2015.

NELSON, Reed Elliot. Análise Organizacional de uma Igreja Brasileira: A Congregação Cristã no Brasil. In: Revista **Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1984, p. 544-558.

READ, William; MONTERROSO, Victor; JOHNSON, Harmon. **O crescimento da Igreja na América Latina**. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 1969.

SOUZA, Beatriz Muniz de. Tipologia das Igrejas Pentecostais. In: SILVA, Ana Amélia; CHAIA, Miguel (Orgs.). **Sociedade, cultura e política**: ensaios críticos. São Paulo-SP: Ed. EDUC, 2003, p. 205-216.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1994.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo-SP: Ed. Martin Claret, 2002.

YUASA, Key. **Louis Francescon**: a theological biography, 1866-1964. Edição Revisada. Tese de doutorado em Teologia apresentada da Faculté Autonome de Theologie Protestante de l'Université de Genève. Genebra: Université de Genève, 2001.

